

**Warning:** getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/multiplicação\_pão.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public\_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

**Warning:** getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/multiplicação\_pão.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public\_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

# Home

## XVIII Domingo do Tempo Comum

[Imprimir](#)  
[Imprimir](#)

**Multithumb found errors on this page:**

**There was a problem loading image**

**'images/stories/priore/evangelodelladomenica/multiplicação\_pão.jpg'**

**There was a problem loading image**

**'images/stories/priore/evangelodelladomenica/multiplicação\_pão.jpg'**

Domingo 31 Julho 2011

*Reflexões sobre as leituras*

*de LUCIANO MANICARDI*

Através do seu sofrimento, Jesus sabe ver o sofrimento das multidões e a sua *compaixão* é cura, acção terapêutica. Torna-se resposta humilde e activa para o mal do mundo.

---

Domingo 31 Julho 2011

Ano A

Is 55,1-3; Sal 144; Rm 8,35.37-39; Mt 14,13-21

A comunhão e a aliança são realizadas num banquete, sinal de convívio e de celebração da vida. A promessa do Deus da "Aliança Eterna" (Is 55,3) cumpre-se com o convite para participar num banquete que sela o sacrifício de comunhão que como era costume assinalava a aliança feita (I leitura). Jesus dá alimento abundante e sacia a multidão numerosa partilhando o pouco que tinha (Evangelho).

A *gratuidade* do alimento, sublinhada na primeira leitura ("Todos vós que tendes sede, vinde beber desta água. Mesmo os que não tendes dinheiro, vinde, comprai trigo para comer sem pagar nada. Levai vinho e leite, que é de graça." Is 55,1) e no Evangelho, onde o banquete preparado por Jesus é partilha, opondo-se ao pedido dos discípulos de dispersar a multidão para que esta pudesse ir comprar comida (cf. Mt 14,15), corresponde à dimensão escatológica de que o banquete se reveste e é expressão de uma justiça e fraternidade que não pode excluir ninguém. Retomando as expressões do Ap 21,4, que invocam a situação da Jerusalém celeste confrontando a sua condição histórica e terrena, em que não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor; nós podemos acrescentar que "não haverá mais fome". Mas, aguardar por um mundo onde não exista mais a ferida da fome e onde não se morra mais por ela, tem o preço do

compromisso quotidiano, aqui e agora, para dar de comer aos que têm fome, para debelar as causas estruturais que conduzem à fome populações inteiras.

Antes de ter a haver com a eucaristia, os nossos textos têm a haver com o humaníssimo acto de comer. Comer é uma arte! "Os animais pastam; o homem come; apenas o homem inteligente sabe comer" (Anthelme Brillat-Savarin). O texto de Isaías começa com um convite: somos chamados a comer. É o nosso corpo que nos chama a comer. Mas depois, como os homens comem juntos, o banquete é marcado por um convite que outros nos dirigem. E comer significa também esperar e partilhar (como Paulo refere aos cristãos de Corinto: cf. 1Cor 11,21-22.33-34). O alimento que mata a fome não é apenas aquele constituído de "carnes gordas e saborosas, vinhos velhos e bem tratados" (Is 25,6), mas o das relações humanas. Relações evocadas nos imperativos de Is 55,2-3: "Se me escutardes, havereis de comer do melhor e saborear pratos deliciosos. Prestai-me atenção e vinde a mim. Escutai-me e vivereis."

A perícope evangélica começa com a notícia de que "*Jesús retirou-se dali sózinho numa barca, para um lugar deserto*" depois de ter sabido da morte de João Baptista (cf. Mt 14,13). Jesus procura a solidão para se distanciar da execução de João Baptista e poder assim ler a sua responsabilidade diante do vazio deixado por aquele. E os acontecimentos, ou seja, a multidão que o seguiu a pé desde as cidades e que Ele vê quando desembarca, sugerem-lhe a resposta: "*Jesus viu uma grande multidão e, cheio de misericórdia para com ela, curou os seus enfermos*" (Mt 14,14). A partir do sofrimento pela morte de João Baptista, Jesus vê o sofrimento da multidão e sobretudo dos enfermos. E ocupa-se dele. Através do seu sofrimento Jesus sabe ver o sofrimento das multidões e a sua *compaixão* é cura, acção terapêutica. Torna-se resposta humilde e activa para o mal do mundo.

A sua atitude de assumir a responsabilidade nos encontros com as multidões contrasta claramente com o comportamento dos discípulos que prefeririam que Jesus dispersasse as pessoas para que fossem comprar alimento às aldeias (cf. Mt 14,15). Jesus disse: "*dai-lhes vós mesmos de comer*" e a ordem desafia a desresponsabilização para com o necessitado e suscita a objecção dos discípulos que vêm na sua pobreza a incapacidade de realização do pedido (Mt 14,17: "*Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes*"). Foi esta a reacção escandalizada dos discípulos - e nossa também - em nome do bom senso, do racional e da eficácia. Na resposta de Jesus (cf. Mt 14,18) a pobreza não só não é um impedimento, como é a condição que manifesta a força da partilha e da acção de Deus. A pobreza da Igreja é a condição necessária à sua eficácia evangélica: ela revela a sua fé que permite a acção do poder de Deus.

LUCIANO MANICARDI

Comunidade de Bose

Eucaristia e Parola

Textos para as celebrações eucarísticas - Ano A

© 2010 Vita e Pensiero